

RESENHA

Achille Mbembe. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

Rodney William Eugenio¹

O camaronês Achille Mbembe tornou-se uma referência acadêmica no estudo do pós-colonialismo. É um pensador sofisticado, erudito; leitor de Fannon e Foucault e pensador de grandes questões da História e da Política africanas. É um acadêmico comprometido com seus temas e sua teoria está permeada por uma filosofia política latente. Lecionou em universidades dos Estados Unidos e África do Sul.

No livro *Crítica da Razão Negra*, Mbembe nos convida a pensar as diferenças e a própria vida com base numa reflexão sobre o mundo contemporâneo a partir da experiência negra, lembrando que a visão do negro no mundo de hoje foi construída pelo sistema escravista nos primórdios do colonialismo. Dessa forma, a definição de negro é uma categoria social que se confunde com os conceitos de escravo e de raça.

Enquanto construção social, negro é um conceito que designa a imagem de uma existência subalterna e de uma humanidade castrada. Essa percepção econômica da questão racial tem início na fase mercantilista do capitalismo (quando o negro é transformado em mercadoria) e perdura no neoliberalismo. O termo “negro” foi inventado para significar exclusão e em momento algum esteve dissociado da categoria de escravo. Para Mbembe, observando o enquadramento histórico, percebe-se que os conceitos foram fundidos. Nas palavras do autor, “Negro” é aquele que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Essa invisibilidade está no cerne do racismo, que, além de negar a humanidade do outro, se desenvolve como modelo legitimador da opressão e da exploração. Mais do que isso, exercício máximo do biopoder, o racismo representa a escolha de quem deve ser eliminado, numa morte que pode ser tanto física quanto política ou simbólica.

Uma vez que raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético, seria, na verdade, a redução do corpo e do ser vivo a uma questão de

¹ Bacharel em Ciências Sociais, Mestre em Gerontologia Social e Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP.

aparência, de pele ou de cor, desempenhando, assim, um papel fundamental no movimento que transforma a pessoa humana em coisa, objeto ou mercadoria. Contraditório em sua essência, o conceito de raça apazigua odiando, mantendo o terror e praticando aquilo que Mbembe chamou de alterocídio, que consiste em “constituir o *outro* não como semelhante a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou destruir (quando não se pode controlar)”.

Negro seria um exemplo total do “ser-outro”, um símbolo de inferioridade que, de acordo com o ideal colonialista, devia ser ajudado e protegido. A África, da mesma forma, representaria um “não-lugar”, signo de atraso, de ausência de civilização e sem nenhuma contribuição à humanidade. Na visão eurocêntrica do colonizador, todas as contribuições africanas, sua obra e conhecimento, assim como a luta de seus povos na diáspora e sua contribuição para o desenvolvimento histórico das Américas, por exemplo, foram não só desconsideradas, mas absolutamente desconstruídas, ocultadas ou simplesmente apagadas. Somente quando a Europa deixou de ser o centro da civilização e da produção do saber é que se pôde formatar um pensamento crítico em torno do negro.

A escravidão no colonialismo, ou seja, a partir do século XVI, construiu o conceito de negro que vigora ainda hoje. A colônia é o lugar onde o negro deixa de existir enquanto pessoa, isto é, torna-se invisível. Além de transformar-se em mercadoria, o negro sofre com toda carga de descaracterização de sua cultura. É justamente o conceito eurocêntrico de civilização que determina a construção da inferioridade negra, fazendo com que o elemento negro passe a ser visto como objeto de perigo que, no limite, não pode coexistir. Disso decorrem as políticas de segregação, como o Apartheid, e os mitos de superioridade racial. Por outro lado, algumas elites se apropriaram da ideologia da mestiçagem para negar e desvalorizar a questão racial, haja vista o exemplo brasileiro com seu célebre Mito da Democracia Racial.

Tendo a cor da noite, não foi difícil associar o negro à escuridão, às sombras e à invisibilidade. Na lógica colonialista, só existe um negro se houver um senhor. Essa relação senhor/escravo impõe ao negro um modo de se ver e de ser visto: negro é aquele que ninguém desejaria ser, um sinônimo de subalternidade, uma maldição. O desafio de se reconstruir uma identidade negra passa necessariamente pela superação do ideário escravista. Mbembe aponta para um futuro livre do peso da “raça” e, por conseguinte, do ressentimento, mas isso só seria possível por meio da justiça, da restituição e da reparação.